ARROZ

O MERCADO TEM ESTADO BEM ABASTECIDO, HÁ MESES E, PARA CONTER MOVIMENTOS ARTIFICIAIS DE ALTA NO ATACADO, O GOVERNO FEDERAL, NO INÍCIO DO ANO, AUTORIZOU IMPORTAÇÃO. OS ESTOQUES PARTICULARES SÃO ELEVADOS E ESPERA-SE UMA BOA SAFRA, O QUE DEVERÁ MANTER PREÇOS SOB PRESSÃO, ACARRETANDO MACIÇAS AQUISIÇÕES GOVERNAMENTAIS.

De acordo com a mais recente estimativa do *IBGE* (ver Quadro 03), a safra 1984/85 será uma das maiores já colhidas no país. Observe-se, porém, que a consecução deste resultado exigirá que se alcance rendimento médio recorde, de 1.866 kg/ha, do qual os arrozais brasileiros aproximaram-se, pela última vez, em 1942 (1.777 kg/ha). A área plantada é menor do que a do ano passado e é provável que o rendimento médio se situe próximo ao de anos recentes (1.550 kg/ha, no último qüinqüênio).

Até o início de março, com a colheita iniciada nas mais importantes zonas de produção, ainda havia muita indefinição. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde se colheram 20% da safra, não se podia assegurar se as estimativas de perdas, derivadas da estiagem, serão ou não concretizadas. De fato, diversas entidades consideravam, em janeiro, que a situação das plantações poderia tornar-se crítica, caso prosseguisse a falta de chuvas na Fronteira Oeste. Na região da Campanha, principal produtora do Rio Grande do Sul (ver Quadro 04), houve localidades em que a escassez hídrica prolongou-se por três meses e é possível que tenha deixado sérias seqüelas, em razão de peculiaridades do cultivo regional (considera-se que a real capacidade da infra-estrutura montada para a irrigação seja cerca de 80% da área usualmente cultivada). As novas variedades de alta produtividade (*BR/Irga — 409 e 410*) têm um ciclo de vida mais longo, necessitando de aproximadamente mais um mês de irrigação, o que, além de aumentar sua vulnerabilidade a eventuais períodos secos, onera o custo de produção.

Mesmo assim, a introdução de novos cultivares deverá acelerar-se, pois, além de sua vantagem em termos de produtividade, vem sendo observado, na região de Uruguaiana, um processo de degenerescência nos cultivos da variedade até então mais empregada, a *Blue Belle,* que parece estar formando cachos menores. Este cultivar de origem norte-americana tem, porém, melhor cotação no mercado e, segundo o *Banco do Brasil,* que financia 90% da área da orizicultura, poderá, naquela zona de produção, render mais Cr$ 5 mil/saca de 50 kg nesta safra. Na safra 1983/84, a *Blue Belle* cobriu 52,42% da área plantada com arroz, a *BR/Irga—409,* 39,15%, a *BR/Irga—410,* 5,72% e a *Dawn* e a *Lebonnet,* juntas, 2,71%

O atual estado da lavoura gaúcha dificulta qualquer avaliação, pois as precipitações ocorridas em fevereiro parecem ter recuperado extensões antes consideradas perdidas, amenizando os efeitos da seca. Sabe-se que as extremidades de muitas plantações, mais afastadas das fontes de fornecimento de água, foram destruídas. Boa parte dos arrozais apresenta plantas pouco saudáveis e muitos foram afetados pelo amadurecimento precoce, provocado pela estiagem.

As dificuldades com o clima não se restringiram ao Rio Grande do Sul. No segundo maior estado produtor, o Maranhão, os problemas climáticos que prejudicaram (e ainda prejudicam) a safra foram o oposto do ocorrido no Sul do país. Desde o início do plantio, em dezembro, fortes chuvas têm transtornado as lavouras, a ponto de os pequenos produtores, majoritários, não conseguirem, sequer, efetuar a queima da roça no período normal.

Segundo a delegacia do *IBGE,* em São Luís, a área estadual plantada está estimada em 815 mil ha, ligeiramente abaixo do verificado na mesma época do ano passado (820 mil ha). Contribuíram para isto a dificuldade de acesso e a própria escassez do crédito rural, o já citado excesso de chuvas e a falta generalizada de sementes.

Em razão do elástico calendário do plantio no Maranhão, supõe-se que a área de cultivo poderá crescer um pouco mais, igualando-se à de 1984, principalmente nas microrregiões mais importantes, como Imperatriz e Pindaré. No Sul maranhense, já se iniciou a colheita, que estará encerrada, em todo o estado, em julho. Até lá, além dos problemas anteriormente referidos, dever-se-á contar com a tradicional evasão de mão-de-obra, promovida pela reabertura dos garimpos no Pará.

Malgrado os problemas climáticos, ao menos a orizicultura, como atividade econômica, foi suficientemente atrativa para registrar, no Rio Grande do Sul e no Maranhão, áreas de plantio semelhantes às da safra passada. Nos três estados do

QUADRO 03 – BRASIL – ARROZ EM CASCA – ESTIMATIVAS DE ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DAS SAFRAS 1983/84[1] e 1984/85

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		PRODUTIVIDADE (kg/ha)	
	1983/84	1984/85	1983/84	1984/85	1983/84	1984/85
Rio Grande Sul	724.614	718.196	3.119.013	3.005.619	4.304	4.185
Maranhão	820.211	815.610	1.145.223	1.159.122	1.396	1.421
Goiás	1.029.570	865.420	1.037.760	1.066.380	1.008	1.232
Minas Gerais	547.889	560.385	592.957	862.901	1.082	1.540
Mato Grosso	570.621	420.509	672.671	550.800	1.179	1.310
São Paulo	340.544	316.287	399.312	501.504	1.173	1.586
Santa Catarina	139.771	142.000	451.942	427.600	3.233	3.011
Paraná	196.700	205.000	242.570	296.000	1.233	1.444
Matro Grosso do Sul	343.142	245.360	381.649	294.432	1.112	1.200
Piauí	158.036	194.805	200.057	249.928	1.266	1.283
Rondônia	120.864	141.977	181.847	213.393	1.505	1.503
Rio de Janeiro	30.949	33.064	96.007	104.813	3.102	3.170
Espírito Santo	31.584	36.198	85.244	103.444	2.699	2.858
Ceará	40.552	46.000	82.597	95.000	2.037	2.065
Pará	114.913	87.163	149.395	94.204	1.300	1.081
Bahia	59.839	54.100	30.338	80.663	507	1.491
Acre	27.453	26.225	44.813	41.558	1.632	1.585
Sergipe	9.290	10.721	26.625	27.746	2.866	2.588
Paraíba	7.790	10.954	13.261	21.052	1.702	1.922
Pernambuco	4.171	5.000	15.688	19.000	3.761	3.800
Alagoas	6.196	7.340	13.632	17.147	2.200	2.336
Rio Grande do Norte	7.178	7.521	8.731	9.404	1.216	1.250
Distrito Federal	12.500	6.500	12.170	7.800	974	1.200
Amazonas	1.770	2.823	2.194	3.380	1.240	1.197
Amapá	1.166	1.181	1.431	1.335	1.227	1.130
Roraima	8.758	–	15.409	–	1.759	–
BRASIL	5.356.071	4.960.339	9.022.536	9.254.225	1.685	1.866

FONTE – IBGE (fevereiro de 1985).
[1] **Dados finais.**

Centro-Oeste, responsáveis por 23% da safra passada, no entanto, não se pode contar com este fator – mesma área – como garantia mínima de uma boa safra. Com efeito, a tendência à redução do plantio do arroz na região se mantém (ver Quadro 05), calcada nas mesmas razões: falta de crédito para a abertura de novas áreas, necessário em função do caráter itinerante do cultivo e baixa rentabilidade da atividade, originária dos custos de produção inflados pelas atuais dificuldades da economia e pela baixa produtividade das lavouras de sequeiro. Aliás, a ausência de variedades desenvolvidas para as condições edafo-climáticas do cerrado perpetua os problemas da cultura.

Este ano, um novo elemento veio somar-se a estas adversidades no Mato Grosso: a praga de gafanhotos, que provocou danos a diversas plantações em 1984, persiste. Segundo o *IBGE*, o temor destes insetos ocasionou novas dificuldades, pois "levou à recomendação técnica de atrasar o plantio, só o fazendo este mês (janeiro) e as lavouras ainda em fase de germinação e com o solo desprotegido ficaram sob a incidência de fortes chuvas, com vários casos de erosão e problemas de uniformidade da germinação e da do *stand* inicial".

No Mato Grosso do Sul, a redução do plantio deveu-se à opção pela soja, que há anos vem ocupando áreas da orizicultura, o que também ocorre no Distrito Federal. Em Goiás, embora o plantio seja menor, a boa distribuição das chuvas poderá auxiliar a consecução de uma produtividade bastante aceitável (ver Quadros 03 e 05). Neste último estado, as lavouras apresentam razoável tecnificação

QUADRO 04 – RIO GRANDE DO SUL – ARROZ EM CASCA – PRINCIPAIS MUNICÍPIOS PRODUTORES – 1983

MUNICÍPIO	MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	ÁREA COLHIDA (ha)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	VALOR (Cr$ 1.000)
Uruguaiana	Campanha	229.607	56.070	4.095	25.123.598
Santa Vitória do Palmar	Lagoa Mirim	220.590	57.000	3.870	24.633.285
Itaqui	Campanha	144.509	37.800	3.823	15.690.787
Camaquã	Lagoa dos Patos	110.547	26.322	4.200	13.453.504
Alegrete	Campanha	104.550	30.000	3.485	9.175.308
São Borja	Campanha	90.206	23.100	3.905	9.817.119
Arroio Grande	Lagoa Mirim	86.400	24.000	3.600	9.648.288
Dom Pedrito	Campanha	73.685	22.520	3.272	7.073.760
Cachoeira do Sul	Vale do Jacuí	70.262	20.930	3.357	5.972.270
São Gabriel	Campanha	54.913	19.140	2.869	5.893.812
RIO GRANDE DO SUL		2.220.497	636.539	3.488	243.500.403

FONTE – IBGE.

e o plantio irrigado tem-se expandido gradualmente.

Em Santa Catarina, onde se concentra uma das maiores áreas de arroz irrigado, a safra também passou por algumas dificuldades. No Oeste catarinense, a estiagem causou danos às lavouras de sequeiro e, no Sul, inundações acarretaram a perda de algumas plantações (2 mil ha, segundo a *CFP*). Devido a estes problemas, a produtividade média será afetada. Fontes do estado estimavam-na em 4.050 kg/ha nos 90 mil ha irrigados e em 1.300 kg/ha nos 52 mil ha de arroz de sequeiro. No momento, considera-se que as lavouras irrigadas renderão algo em torno de 4.000 kg/ha.

Aliás, a produtividade catarinense apresenta tendência de aumento em razão da melhor tecnologia empregada, que inclui o uso de sementes mais produtivas, como as fornecidas pelo *Irga (409 e 410)*. Tornou-se freqüente a obtenção de 6 mil kg/ha em lavouras bem conduzidas e, na safra passada, chegou-se a conseguir, em plantio comercial, mais de 10 mil kg/ha.

A opção pelos cultivares mais aprimorados deverá garantir à orizicultura maior atratividade, através da redução dos custos de produção.

No que se refere ao mercado, porém, as perspectivas da atual safra do país não parecem favoráveis. A produção do ano passado não foi inteiramente escoada, pois, mesmo deixando de apresentar resultado excepcional, defrontou-se com uma demanda em retração. Embora ainda não se tenha dimensionado a queda do consumo, este atingiu patamar suficientemente baixo para manter as cotações estagnadas longamente. O Quadro 06 mostra que o *preço básico* fixado para esta safra esteve sempre acima do preço médio recebido pelo agricultor. Toda a movimentação de meados do ano, em torno de reivindicações quanto aos preços mínimos oficiais e a uma remuneração mais aceitável resultou em altas efêmeras dos preços.

" . . . a insatisfação com os preços fez com que alguns atacadistas buscassem recompor suas margens de ganho . . ."

A *Companhia de Financiamento da Produção* estimava que os estoques seriam da ordem de 400 mil t, mas há indícios de que poderão ser maiores, talvez beirando as 700 mil t. Este mês, será encerrado o levantamento final de estoques e, possivelmente, ter-se-á uma nova estimativa do consumo, que balizará as decisões a serem tomadas para o pleno abastecimento.

No início do ano, a insatisfação com os preços fez com que alguns atacadistas buscassem recompor suas margens de ganho, provocando uma alta que era aguardada há semanas. Não conseguiram compatibilizar o preço de mercado com o *preço básico* reajustado, mas despertaram a atenção da *Seap*, levando-a a liberar arroz para os supermercados do Rio de Janeiro, estancando o aumento dos preços. Também a importação, efetuada nos termos da *Resolução nº 973*, de 07/12/84, do *Banco Central*, contribuiu para o arrefecimento da alta. O produto foi adquirido no Uruguai e na Argentina, totalizando 56 mil t, que se escoaram rapidamente.

Diante desses fatos não se pode vislumbrar, no momento, qualquer possibilidade de recuperação do mercado. Não houve nenhuma definição quanto aos recursos destinados

QUADRO 05 – REGIÃO CENTRO-OESTE – ARROZ EM CASCA – ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE – 1975/76 – 1984/85

SAFRA	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			PRODUTIVIDADE (kg/ha)		
	Goiás	Mato Grosso[1]	Mato Grosso do Sul	Goiás	Mato Grosso[1]	Mato Grosso do Sul	Goiás	Mato Grosso[1]	Mato Grosso do Sul
1975/76	1.144.128	1.493.261	...	1.319.458	1.626.828	...	1.153	1.089	...
1976/77	777.360	1.546.663	...	620.472	2.095.558	...	798	1.355	...
1977/78	752.550	1.526.443	...	621.120	1.396.695	...	825	915	...
1978/79	931.110	741.130	584.719	1.155.080	975.476	457.131	1.241	1.316	782
1979/80	1.184.200	896.243	501.333	1.460.180	1.174.085	504.212	1.233	1.310	1.006
1980/81	1.117.840	862.699	411.972	920.710	941.577	451.232	824	1.091	1.095
1981/82	1.128.700	794.607	315.036	1.394.500	999.041	339.315	1.235	1.257	1.077
1982/83	985.185	702.365	308.823	1.080.720	784.179	450.796	1.097	1.116	1.460
1983/84	1.029.570	570.621	343.142	1.037.760	672.671	381.649	1.008	1.179	1.112
1984/85	865.420	420.509	245.360	1.066.380	550.800	294.432	1.232	1.310	1.200

[1] Inclui o Mato Grosso do Sul, até 1977/78.

FONTE – IBGE.

aos *EGF's* e às *AGF's* e a terceira parcela do crédito de custeio ainda não foi liberada. Isto deverá obrigar os orizicultores a venderem imediatamente as primeiras partidas da colheita, pois muitos deles comprometeram-se com financiamento a juros de mercado, oscilando entre 17% e 21% ao mês. Na safra passada, a situação era semelhante, mas o ônus da manutenção de estoques era menor.

Mantendo-se a dificuldade de liberação dos *EGF's*, pode-se prever que ganhará grande importância a atuação da *CFP*, no exercídio da aplicação da Política de Garantia de Preços Mínimos, caso pelo menos as *AGF's* sejam contempladas com os recursos necessários. Logo na primeira semana de março, iniciou-se a operação dos *Postos Volantes de Compra* das regiões de fronteira agrícola, mas a atuação da *Companhia* deverá ser exigida em todos os estados.

As indefinições não se situam, porém, apenas na esfera econômica. O novo governo federal ainda não pôde definir quais as futuras funções das diversas entidades atuantes na área da agricultura. Qualquer decisão tomada, porém, estará circunscrita à comercialização da safra. As preocupações com a produção em si serão transformadas em ação um pouco mais tarde, havendo a expectativa de que velhas propostas de concessão de estímulos à produção de alimentos básicos sejam acatadas. No caso do arroz, estas incluem o tratamento diferenciado, à semelhança do que se deu com o feijão, para os pequenos agricultores, notadamente na área do sequeiro.

QUADRO 06 – ESTADOS SELECIONADOS – ARROZ EM CASCA – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES E PREÇO BÁSICO AGOSTO/1984 – JANEIRO/1985 (Cr$/kg)

ESTADO	AGOSTO/84	SETEMBRO/84	OUTUBRO/84	NOVEMBRO/84	DEZEMBRO/84	JANEIRO/85
Rio Grande do Sul	268,83	289,11	312,49	398,23	522,08	559,00
Maranhão	199,55	236,54	260,86	308,17	353,17	418,00
Goiás	259,87	289,85	336,84	410,90	525,48	568,00
Minas Gerais	297,97	329,24	381,24	429,24	540,82	603,00
Mato Grosso	236,31	255,59	315,12	386,93	450,28	481,00
Preço básico do arroz de sequeiro	360,00	398,16	439,96	495,40	544,44	601,62
Preço básico do arroz irrigado	428,00	473,36	523,06	588,96	647,28	715,24

FONTE – FGV/IBRE/CEA e CFP.